

O DESFRUTAR DA BÊNÇÃO NUNCA É MELHOR QUE A SATISFAÇÃO DE ESTAR NA PRESENÇA DO ABENÇOADOR!



"[11] Aconteceu que, indo ele para Jerusalém, passou pela divisa entre Samaria e a Galileia. [12] Ao entrar em um povoado, dez leprosos saíram-lhe ao encontro, pararam de longe [13] e gritaram: Jesus, Mestre, tem compaixão de nós! [14] Logo que os viu, ele lhes disse: Ide e mostrai-vos aos sacerdotes. E aconteceu que, enquanto iam, ficaram purificados. [15] Um deles, vendo que fora curado, voltou glorificando a Deus em alta voz [16] e prostrou-se com o rosto em terra aos pés de Jesus, dando-lhe graças; e este era samaritano. [17] Então Jesus perguntou: Não foram dez os purificados? E os outros nove, onde estão? [18] Não houve quem voltasse para dar glória a Deus, senão este estrangeiro? [19] E disse-lhe: Levanta-te e vai; a tua fé te salvou." (Lucas 17.11-19 / cf. Mateus 8.1-4 – Almeida Século 21)

Na análise do contexto da passagem bíblica acima, é possível notar que se aproximava a época em que o Senhor Jesus entraria em Jerusalém para a sua última semana antes da crucificação. Na ocasião Ele viajava pela Judeia e Pereia, onde ensinava por meio de muitas parábolas sobre o seu Pai e o seu lar celestial. Em certos lugares, Ele fazia uma pausa, para realizar milagres a favor de algumas pessoas necessitadas, como no caso da cura dos dez leprosos.

A lepra era uma das mais temidas doenças do mundo antigo – principalmente entre os israelitas. É causada por uma bactéria e se caracteriza pela formação de manchas ou nódulos que se espalham, causando a perda de sensação e deformidade. Havia duas espécies de lepra. A mais comum era a lepra “branca”, também chamada lepra “mosaica”: começa com manchas brancas na pele, manchas absolutamente insensíveis, sendo por esta razão chamada atualmente de lepra anestésica. A segunda era a forma nodular. Ambas devoravam silenciosamente os tecidos, atacando os membros, assim como o rosto.¹ Hoje a lepra é tratada com drogas à base de sulfona. Mas no mundo antigo a lepra era sempre um desastre e levou séculos para que a sociedade aprendesse a enfrentar com êxito a moléstia.

¹ DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1983. 210 p.

O mal de Hansen, como a enfermidade é mais propriamente conhecida, era frequentemente diagnosticada nos tempos bíblicos e não havia cura conhecida para quem enfrentava a doença. Há dois mil anos atrás os homens eram completamente indefesos. Só Deus podia curar e purificar os infelizes sofredores. Era horrível ser condenado à vida de leproso. As pessoas acreditavam que era altamente contagiosa e hereditária. A doença, por si mesma, era assustadora, mas os israelitas acrescentavam uma nota ainda mais aterrorizadora – o completo isolamento. Uma pessoa que sofresse de lepra não podia viver em meio à sua família e amigos, mas tinha que sair de casa e viver sozinha ou junto a outras pessoas que tivessem a mesma doença. A pessoa doente de lepra era condenada a ser pária ou marginalizada e a sofrer sozinha.² De acordo com a lei mosaica, “*o leproso, que tem feridas, vestirá roupas rasgadas, andarà descabelado, cobrirá o lábio superior e clamará: Impuro, impuro. Enquanto a ferida de lepra estiver nele, estará impuro; ele está impuro; viverá só, pois sua habitação será fora do acampamento*” (Levítico 13.45-46). Nos tempos medievais, muitas vezes o sacerdote lia o ritual do sepultamento do leproso antes de ele ser expulso da cidade.³

Sempre que alguém era purificado – liberto, curado – da doença de lepra, era necessário que a pessoa se apresentasse ao sacerdote e realizasse todo um ritual de purificação, além de alguns sacrifícios de animais (cf. Levítico 14.1-32). Também era preciso que o sacerdote confirmasse que a doença de pele havia desaparecido, antes que o ex-leproso fosse reintegrado à sociedade.

Lucas é o único evangelista que fala da cura de dez leprosos operada por Jesus durante sua última viagem a Jerusalém. Eles sem dúvida conheciam Jesus tanto de vista como pela sua reputação. É bem possível que conhecessem pessoas que haviam sido anteriormente curadas de lepra pelo Senhor, durante o seu ministério. Na sequência da história, o escritor relata que os dez homens se acharam curados quando iam se apresentar ao sacerdote. Mas somente um voltou para agradecer a Cristo. A atitude desse homem é surpreendente: quando percebe, a caminho do templo, que está curado, fica evidente que ele não continua a viagem, mas retorna, reconhecendo que o poder curador de Deus está presente em Jesus.

Na passagem bíblica, a ordem do Senhor Jesus era para que todos aqueles leprosos – inclusive o que voltou – se apresentassem ao sacerdote e fossem, assim, reintegrados à sociedade. Porém, um deles retorna glorificando a Deus em alta voz e se prostra com o rosto em terra aos pés de Jesus (vv. 15-16). Por quê? A razão é que, para aquele samaritano, **o desfrutar da bênção nunca é melhor que a satisfação de estar na presença do abençoador**. Para ele, a cura da lepra era só um detalhe – ainda que importante. Mas o que realmente importava para o samaritano, era externalizar o amor que ele nutria pela pessoa do Senhor Jesus Cristo.

² BEERS, V. Gilbert. *Viaje através da Bíblia*: descubra a Bíblia através de suas principais histórias. Trad. Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2013. 294 p.

³ PACKER, James Innell; TENNEY, Merrill C. & WHITE JR, William. *Vida cotidiana nos tempos bíblicos*. Trad. Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 1982. 92-93 p.

Por causa da exclusão social que a doença de lepra provocava, o leproso samaritano tinha que se manter longe de Jesus (v. 12). Mas assim que foi curado, aquele homem percebeu que não precisava mais viver isolado das demais pessoas – principalmente de Jesus. Mais que isso. Ele soube que a barreira que o distanciava de Deus havia sido derrubada. Ele agora estava livre para adorar Jesus com toda a intensidade do seu ser, de forma que ele “*voltou glorificando a Deus em alta voz e prostrou-se com o rosto em terra aos pés de Jesus, dando-lhe graças*” (vv. 15-16). Quanto aos outros nove, não sabemos se todos eram judeus, mas sabemos que eles foram unânimes em demonstrar que há pouco espírito de gratidão no coração humano.

Todos os dias, ao acordarmos, recebemos uma dádiva de Deus: o milagre da vida. Agradecer é essencial, pois mostra ao Criador o quanto estamos felizes por ainda possuímos a oportunidade de construir um futuro, e de aproveitar tudo o que Ele pode nos oferecer. Sendo assim, é importante nós aprendermos a agradecer antes de pedir novas dádivas.

Agradecer é reconhecer e confessar que Deus é quem rege e quem faz tudo o que acontece em nossa vida. A presença de Deus pode ser percebida nos mínimos detalhes. Em cada expressão da natureza Deus está lá. Em cada minúcia da beleza da criação Deus também se faz presente. Afinal, “*os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos*” (Salmo 19.1).

No episódio em que o Senhor Jesus cura dez leprosos e apenas um deles retorna para agradecer, fica evidente que a falta de gratidão dos outros nove entristeceu a Cristo. A ponto dEle, indignado, fazer três perguntas retóricas sobre o fato (vv. 17-18). O pior é que esse cenário se repete diariamente e, muitas vezes, nós somos os protagonistas da história. Quando estamos em apuros e precisamos urgentemente de uma providência divina, oramos e entregamos tudo nas mãos de Deus. Mas no momento em que recebemos o que pedimos, tomamos a nossa vida de volta e poucas vezes confessamos e demonstramos gratidão a Deus. O resultado é que, na maioria das vezes, seguimos a nossa vida de posse da bênção, mas distantes do Abençoador.

Vivemos uma realidade há muito tempo profetizada pelo apóstolo Paulo. Ao escrever uma segunda carta a Timóteo, ele afirma que “*nos últimos dias haverá tempos difíceis; pois os homens amarão a si mesmos, serão gananciosos, arrogantes, presunçosos, blasfemos, desobedientes aos pais, ingratos, ímpios, sem afeição natural, incapazes de perdoar, caluniadores, descontrolados, cruéis, inimigos do bem, traidores, inconstantes, orgulhosos, mais amigos dos prazeres do que amigos de Deus, com aparência de religiosidade, mas rejeitando-lhe o poder*” (2Timóteo 3.1-3). Infelizmente, a ingratidão é a marca da nossa geração.

Deus é infinito em amor e misericórdia (cf. Salmo 119.156; Lamentações de Jeremias 3.22) e sempre irá atender a oração sincera. Por isso, dádivas são recebidas a todo momento. Mas se não houver da nossa parte gratidão e reconhecimento a Deus, essas dádivas acabarão por nos afastar de Deus em vez de nos aproximar dEle.

Muitos cristãos investem em uma relação “mercadológica” com Deus. Entendem que, se em suas orações, lançarem mão de versículos que contenham promessas divinas, e no final pronunciarem as palavras mágicas “Em nome de Jesus, amém!”, terão todos os seus desejos realizados. Quando isso não acontece, muitos se revoltam com Deus e passam a crer que Ele não os ouve. Em razão disso, abandonam a vida devocional e se afastam ainda mais de Deus. Mas se Deus, por Sua infinita misericórdia e graça, atender a petição desses “consumidores da fé”, é sabido que a maioria deles dará as costas a Deus e desfrutará da bênção recebida bem longe do Abençoador.

Somos chamados para ser bênção e não para pedir bênção. Quando desenvolvemos uma relação com Deus baseada em quem Ele é, e não naquilo que Ele pode nos dar, quando a Sua presença em nossa vida se torna mais importante que os Seus presentes em nossa vida, as bênçãos do Senhor recaem sobre nós naturalmente. O salmista Davi, em uma de suas mais belas orações, declara: “*Bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida*” (Salmo 23.6a). Além disso, o próprio Deus declarou: “*Se ouvires a voz do SENHOR, teu Deus, todas estas bênçãos virão sobre ti e te alcançarão*” (Deuteronômio 28.2).

Creio que se Deus fosse dar uma palavra àqueles que O tratam com garçom – obrigado a servi-los a todo momento –, essa palavra seria: “Se o que traz a sua presença à minha presença, não for o prazer de estar em minha presença, a sua presença, em minha presença, não significa nada”.

Vivemos todos os dias da nossa vida correndo atrás da bênção. Mas o fato é que, quem corre atrás, nunca chega à frente. Quando andamos com Deus, em uma relação de proximidade e cumplicidade, não corremos atrás das bênçãos. São elas que nos seguem e nos alcançam. Essa é verdade que precisa ser compreendida por todos aqueles que se intitulam filhos de Deus.

Soli Deo Gloria.